

# Análise Conjuntural

ISSN 0102-0374

## IPARDES

Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social

Curitiba, v.38, n.9-10, setembro/outubro 2016

### sumário

- 3 O ACORDO INDIANO: UMA PERSPECTIVA PARANAENSE  
Guilherme Amorim
- 6 RETRAÇÃO NO COMÉRCIO EM 2016  
Ana Sílvia Martins Franco
- 8 FRAGILIZAÇÃO DO MERCADO DE TRABALHO  
Guilherme Amorim
- 10 PARANÁ - DESTAQUES ECONÔMICOS  
Guilherme Amorim
- 12 ECONOMIA PARANAENSE - INDICADORES SELECIONADOS

**GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ**

CARLOS ALBERTO RICHA - Governador

**SECRETARIA DE ESTADO DO PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO GERAL**

CYLLÊNIO PESSOA PEREIRA JUNIOR - Secretário

**INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL**

JULIO TAKESHI SUZUKI JÚNIOR

*Diretor-Presidente*

ARISTIDES RODRIGUES DO PRADO NETO

*Diretor Administrativo-Financeiro*

DANIEL NOJIMA

*Diretor do Centro de Pesquisa*

FRANCISCO JOSÉ GOUVEIA DE CASTRO

*Diretor do Centro Estadual de Estatística*

**ANÁLISE CONJUNTURAL**

GUILHERME AMORIM (*Editor*)

ANA SILVIA MARTINS FRANCO (*Economista*)

**EDITORIAÇÃO**

MARIA LAURA ZOCCOLOTTI (*supervisão editorial*)

ESTELITA SANDRA DE MATIAS (*revisão de texto*)

LÉIA RACHEL CASTELLAR (*editoração eletrônica*)

NATÁLIA VICENTE MONTANHA TEIXEIRA (*normalização bibliográfica*)

STELLA MARIS GAZZIERO (*projeto gráfico*)

# O ACORDO INDIANO: UMA PERSPECTIVA PARANAENSE

Guilherme Amorim\*

O Acordo de Comércio Preferencial (ACP) entre o Mercosul e a Índia está em vias de ser ampliado, com intercâmbio de listas de produtos entre as partes. Vigente desde junho de 2009, o ACP confere a 450 produtos oriundos do Mercosul acesso privilegiado ao mercado indiano, através de reduções – entre 10% e 100% – nas tarifas aduaneiras. Prevê-se que a oferta de 500 novas preferências seja concretizada no início de 2017.

A queda das tarifas possibilitou imediata elevação do volume de negócios, em 2009. As vendas brasileiras para a Índia cresceram 209,80% no primeiro ano de vigência (tabela 1), a despeito de as exportações globais terem registrado decréscimo de 22,3%, em dólares – baque provocado pela crise financeira, originada na erosão de títulos imobiliários. O ápice dessa parceria ocorreu em 2014, quando a corrente de comércio movimentou valor superior a US\$ 11,4 bilhões.

TABELA 1 - COMÉRCIO BRASILEIRO COM A ÍNDIA - 2008-2015

ANO	EXPORTAÇÃO		IMPORTAÇÃO		SALDO (US\$ FOB)	CORRENTE DE COMÉRCIO (US\$ FOB)
	Valor (US\$ FOB)	Var. (%)	Valor (US\$ FOB)	Var. (%)		
2008	1 102 342 120	-	3 564 304 236	-	-2 461 962 116	4 666 646 356
2009	3 415 040 261	209,80	2 191 096 530	-38,53	1 223 943 731	5 606 136 791
2010	3 492 350 604	2,26	4 242 465 822	93,62	-750 115 218	7 734 816 426
2011	3 200 695 296	-8,35	6 081 030 475	43,34	-2 880 335 179	9 281 725 771
2012	5 576 930 397	74,24	5 042 827 722	-17,07	534 102 675	10 619 758 119
2013	3 130 072 734	-43,87	6 357 566 624	26,07	-3 227 493 890	9 487 639 358
2014	4 788 735 235	52,99	6 640 265 239	4,45	-1 851 530 004	11 429 000 474
2015	3 617 449 354	-24,46	4 289 580 025	-35,40	-672 130 671	7 907 029 379

FONTE: MDIC-SECEX

NOTA: Os valores podem apresentar pequenas alterações, dependendo da data da consulta aos dados do MDIC, em virtude de processos de revisão.

A abertura do mercado indiano também beneficiou o Paraná. O montante negociado praticamente triplicou entre 2008 e 2009, e a corrente de comércio nunca foi tão forte como no ano passado (tabela 2). Entre janeiro de 2009 e setembro do ano corrente, os produtos exportados para a Índia amontaram cifra superior a US\$ 2 bilhões, de acordo com a Secretaria de Comércio Exterior (Secex), do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC). O Estado respondeu por 6,9% das vendas brasileiras para aquele país.

TABELA 2 - COMÉRCIO PARANAENSE COM A ÍNDIA - 2008-2015

ANO	EXPORTAÇÃO		IMPORTAÇÃO <sup>(1)</sup>		SALDO (US\$ FOB)	CORRENTE DE COMÉRCIO (US\$ FOB)
	Valor (US\$ FOB)	Var. (%)	Valor (US\$ FOB)	Var. (%)		
2008	99 323 391	-	137 354 022	-	-38 030 631	236 677 413
2009	294 228 682	196,23	114 680 503	-16,51	179 548 179	408 909 185
2010	238 818 190	-18,83	285 030 693	148,54	-46 212 503	523 848 883
2011	108 830 016	-54,43	283 649 010	-0,48	-174 818 994	392 479 026
2012	291 556 150	167,90	233 334 841	-17,74	58 221 309	524 890 991
2013	140 102 939	-51,95	247 547 050	6,09	-107 444 111	387 649 989
2014	239 634 235	71,04	409 972 592	65,61	-170 338 357	649 606 827
2015	481 437 533	100,91	175 889 570	-57,10	305 547 963	657 327 103

FONTE: MDIC-SECEX

NOTA: Os valores podem apresentar pequenas alterações, dependendo da data da consulta aos dados do MDIC, em virtude de processos de revisão.

(1) Na apuração dos resultados das importações estaduais, é considerado o domicílio fiscal do importador.

\* Economista, coordenador do Núcleo de Macroeconomia e Conjuntura do IPARDES.

A pauta paranaense de exportação para a Índia, entretanto, manteve-se concentrada no embarque de óleo de soja bruto. Tanto em 2008 quanto em 2015 esse produto respondeu por mais de dois terços das aquisições indianas (tabela 3). Destaca-se nesse período a variação nas vendas de açúcar bruto (795,2%), especialmente por ser a Índia a segunda maior produtora do mundo, atrás apenas do Brasil. Esse crescimento ocorreu pela maior demanda, impulsionada por expansões nas indústrias de doces e confeitarias lá instaladas, pela valorização da *commodity* (90,62% nos dez anos encerrados em setembro deste ano, segundo dados do Banco Mundial) e por quebras de safra provocadas por intempéries e doenças (de origem fúngica ou bacteriana, no mais das vezes).

TABELA 3 - EXPORTAÇÕES PARA A ÍNDIA, SEGUNDO PRINCIPAIS PRODUTOS - PARANÁ - 2008/2015

PRODUTO	2008		2015		VAR. (%)
	Export. (US\$)	Part. (%)	Export. (US\$)	Part. (%)	
Óleo de soja bruto	68 503 408	69,0	330 413 576	68,6	382,3
Açúcar bruto	9 576 166	9,6	85 722 386	17,8	795,2
Produtos químicos orgânicos	-	-	27 133 898	5,6	-
Demais madeiras e manufaturas de madeira	592 548	0,6	10 391 448	2,2	(1)
Compressores e bombas	10 686 426	10,8	4 158 697	0,9	-61,1
Madeira serrada	34 878	0,0	2 959 534	0,6	(1)
Partes de motores para veículos	1 491 450	1,5	2 012 898	0,4	35,0
Couro	538 491	0,5	1 974 578	0,4	266,7
Demais produtos químicos	127 971	0,1	1 570 375	0,3	(1)
Ouro em formas semimanufaturadas	-	-	1 269 455	0,3	-
Demais produtos	7 772 053	7,8	13 830 688	2,9	78,0
TOTAL	99 323 391	100,0	481 437 533	100,0	384,7

FONTE: MDIC-SECEX

NOTA: Elaboração do IPARDES.

(1) Variação superior a 1.000%.

Percebe-se que os embarques de couro, tradicional mercadoria exportada pelo Estado, cresceram mais de três vezes. Ressalte-se, ainda, o crescimento de participação de produtos derivados de madeira e de produtos químicos, orgânicos ou não. Estes são, grosso modo, destinados à agricultura (fungicidas, herbicidas, inseticidas).

São os inseticidas destinados à agricultura as principais mercadorias indianas importadas pelo Paraná. A elevação na entrada desses produtos pode ser percebida sob a rubrica Demais produtos químicos, na tabela 4. Nesse rol, sobressaem também os produtos destinados ao setor automobilístico, sejam eles destinados a montadoras ou ao mercado de reposição. Dessa forma, Pneumáticos e câmaras de ar, Motores para veículos, Autopeças e Compressores e bombas possuem participações relevantes na entrada de bens indianos no Estado. Em 2015, peculiarmente, os emplacamentos de automóveis e veículos comerciais leves no Brasil caíram a patamar pouco abaixo daquele de 2008 (2,48 milhões contra 2,67 milhões de unidades, de acordo com dados da Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores), após período de elevação calcada em crescimento da renda real, expansão de crédito e desonerações tributárias.

TABELA 4 - IMPORTAÇÕES DA ÍNDIA, SEGUNDO PRINCIPAIS PRODUTOS - PARANÁ - 2008/2015

PRODUTO	2008		2015		VAR. (%)
	Export. (US\$)	Part. (%)	Export. (US\$)	Part. (%)	
Produtos químicos orgânicos	26 700 877	19,4	31 319 999	17,8	17,3
Demais produtos químicos	1 507 646	1,1	28 298 763	16,1	(1)
Pneumáticos e câmaras de ar	1 186 426	0,9	16 344 892	9,3	(1)
Produtos farmacêuticos	10 450 242	7,6	7 908 365	4,5	-24,3
Motores para veículos	-	-	7 897 176	4,5	-
Extratos tanantes e tintoriais	8 142 009	5,9	7 485 111	4,3	-8,1
Demais máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos	956 379	0,7	6 093 104	3,5	537,1
Autopeças	14 233 591	10,4	6 031 954	3,4	-57,6
Compressores e bombas	3 171 918	2,3	5 263 395	3,0	65,9
Demais produtos metalúrgicos	1 330 824	1,0	5 173 897	2,9	288,8
Demais produtos	69 674 110	50,7	54 072 914	30,7	-22,4
TOTAL	137 354 022	100,0	175 889 570	100,0	28,1

FONTE: MDIC-SECEX

NOTA: Elaboração do IPARDES.

(1) Variação superior a 1.000%.

Considerando-se as importações globais da Índia, o rol é dominado por *commodities* energéticas (petróleo, carvão, gás), metais e pedras preciosas. Nessa lista há, outrossim, mercadorias que têm nos produtores paranaenses grandes fornecedores do mercado internacional: plásticos, óleo de soja, fertilizantes (minerais e nitrogenados). Para além destas, houve, entre 2011 e 2015, expansão de 96,4% na aquisição externa de leguminosas (feijões, grão-de-bico, ervilha, lentilhas), de acordo com a Divisão de Estatísticas das Nações Unidas (UN Comtrade).

A importação de lentilha decuplicou no período acima e o Canadá, maior produtor mundial, é o principal fornecedor. A leguminosa é tradicional componente da dieta indiana, além de ser fonte barata de proteínas em país de renda média-baixa com 1,33 bilhão de habitantes (estimativa das Nações Unidas para 2016). A despeito de contar com a segunda maior produção de lentilhas do planeta, a Índia experimenta crescente necessidade de fornecimento externo, provocada por baixa produtividade e incentivos governamentais às culturas de arroz e trigo. Medida concreta de cooperação pôde ser verificada através de financiamento de US\$ 100 milhões, realizado pela empresa indiana UPL, de produtos químicos voltados à agricultura, para que a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) desenvolva pesquisas sobre leguminosas. A UPL planeja instalar fábrica no Brasil.

Para além das oportunidades advindas da demanda por leguminosas, o mercado indiano tem potencial de se tornar bastante lucrativo para o complexo de carnes brasileiro. Sua abertura, contudo, depende de negociações que traspassam a troca de cortes tarifários, uma vez que a Índia protege seus avicultores e suinocultores impondo desazadas barreiras fitossanitárias impudentemente. Nos nove primeiros meses de 2016, as vendas de carne de frango *in natura* responderam por 13,7% do montante aferido com as vendas do Estado. Aquelas de carne suína representaram 1%. Nos doze meses terminados em junho, o Paraná respondeu por 19,5% dos abates de suínos do País, considerando-se o peso das carcaças, segundo a Pesquisa Trimestral do Abate de Animais, do IBGE. Dentre os estados, é o terceiro maior produtor. Ainda de acordo com essa pesquisa, no mesmo período o Estado foi responsável por 30,7% dos abates de frango, maior produção dentre as Unidades da Federação.

As compras indianas de açúcar tendem a se tornar mais relevantes para os produtores brasileiros, uma vez que a China, maior importador mundial, passou a se valer de salvaguardas – na forma de sobretaxas – para restringir o acesso a seu mercado. O procaz protecionismo chinês será questionado pelo Brasil no comitê de salvaguardas da Organização Mundial de Comércio, mas, sendo o País seu principal fornecedor de açúcar, suprimindo mais da metade das aquisições externas, qualquer interrupção nesse fluxo comercial será sensível.

A implementação dos cortes tarifários negociados provavelmente tomará mais tempo do que as previsões otimistas dos negociadores brasileiros fazem crer. Contudo, o gigantismo e a complexidade da economia indiana merecem esforços de exportadores e governo, em compromisso que suplante as inanes declarações realizadas em reuniões do ajuntamento conhecido como BRICS.

# RETRAÇÃO NO COMÉRCIO EM 2016

Ana Sílvia Martins Franco\*

As vendas do comércio varejista ampliado, que engloba, além do varejo, as atividades de veículos, motos, partes e peças e de material de construção, apresentaram retração de 9,3%, no acumulado de janeiro a agosto de 2016, em relação ao mesmo período em 2015, segundo última divulgação da Pesquisa Mensal do Comércio (PMC), divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Cabe mencionar que, no período compreendido entre janeiro e agosto de 2015, o comércio havia registrado recuo de 6,9% nas vendas. Inflação elevada, desemprego, juros altos, falta de confiança do consumidor quanto aos rumos da economia estão entre os principais fatores para o mau desempenho do comércio no Brasil.

A queda nas vendas foi generalizada; todas as Unidades da Federação pesquisadas mostraram variação negativa no volume de vendas (tabela 1). O pior resultado foi no Amapá, que registrou redução de 18,8%. A maioria dos estados teve desempenho inferior à média do Brasil.

TABELA 1 - VARIAÇÃO DO VOLUME DE VENDAS NO COMÉRCIO VAREJISTA AMPLIADO - BRASIL E UF - ACUMULADO JAN-AGO 2016

LOCAL	VARIAÇÃO (%)
Brasil	-9,3
Amapá	-18,8
Espírito Santo	-16,5
Sergipe	-15,5
Pernambuco	-14,5
Tocantins	-14,4
Distrito Federal	-14,3
Goiás	-14,2
Maranhão	-14,0
Pará	-13,5
Amazonas	-13,2
Rio de Janeiro	-12,4
Acre	-12,1
Bahia	-12,1
Ceará	-11,6
Rio Grande do Norte	-10,6
Rio Grande do Sul	-10,5
Santa Catarina	-10,4
Mato Grosso	-10,3
Piauí	-9,1
Alagoas	-9,1
Paraíba	-7,3
Paraná	-7,3
Mato Grosso do Sul	-7,3
São Paulo	-6,3
Roraima	-5,4
Minas Gerais	-5,3
Roraima	-2,0

FONTE: IBGE

Entre as atividades, houve perfil disseminado de redução nas vendas, em 2016 (tabela 2). O maior impacto negativo veio da venda de livros, jornais, revistas e papelaria, que caiu 16,8% no período entre janeiro e agosto de 2016. Dado que esses produtos não são de cunho essencial, com a perda do poder aquisitivo das famílias sua demanda é fortemente afetada. Além disso, houve uma migração da editoração gráfica para a digital. Com as novas tecnologias, as pessoas passaram a ler livros, jornais e revistas através do computador, *tablets* ou *smartphones*.

\* Economista, técnica da equipe permanente desta publicação.

TABELA 2 - VARIAÇÃO DO VOLUME DE VENDAS NO COMÉRCIO VAREJISTA AMPLIADO SEGUNDO ATIVIDADE - BRASIL - JAN-AGO 2016

ATIVIDADES	VARIAÇÃO (%)
Livros, jornais, revistas e papelaria	-16,8
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	-15,1
Veículos, motocicletas, partes e peças	-14,7
Eletrodomésticos	-14,0
Móveis	-12,8
Material de construção	-12,2
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	-12,0
Tecidos, vestuário e calçados	-11,4
Combustíveis e lubrificantes	-9,9
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	-3,0
Hipermercados e supermercados	-2,9
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	-0,7

FONTE: IBGE

A comercialização de equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação registrou queda de 15,1% no acumulado de 2016, influenciada pela desvalorização cambial. Como vários componentes eletrônicos são importados, a alta do dólar desestimula a aquisição de tais bens.

A venda de veículos, motos e peças reduziu 14,7%, ocasionada pelo baixo ritmo de atividade econômica no País. Soma-se a este fator a restrição na oferta de crédito, o alto endividamento das famílias e a elevada taxa de juros. Segundo o Banco Central (BC), a taxa média de juros das operações de crédito para pessoa física atingiu 41,8% ao ano em agosto de 2016 e chegou a 42,5% ao ano em setembro.

Em decorrência da retração na venda de veículos, houve decréscimo de 9,9% no volume de vendas de combustíveis e lubrificantes. Mas este não foi o único fator; os altos preços e a diminuição da renda também contribuíram para o desestímulo ao consumo de combustíveis.

A retração na oferta de crédito, a perda do poder aquisitivo das famílias e as altas taxas de juros também influenciaram negativamente o segmento de eletrodomésticos e o de móveis. O primeiro apresentou contração de 14% e o segundo encolheu 12,8% no acumulado do ano.

O setor de hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo encolheu 3%, por conta da inflação elevada, especialmente dos alimentos. A variação de preços da cesta de produtos do subgrupo alimentação no domicílio, medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), foi de 11,74% no acumulado de janeiro a agosto de 2016, bastante acima do índice geral, que foi de 5,53%.

A menor contração veio do ramo de artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos, com redução de 0,7% nas vendas. O que segurou a queda desse setor foram os medicamentos, pois, por se tratarem de bens de caráter essencial, têm demanda inelástica.

A retração das vendas no comércio varejista no Brasil é fruto da combinação entre a recessão econômica, a inflação em patamares elevados, a redução da renda real, que limita o poder de compra da população, o comprometimento da renda familiar, o endividamento das famílias, as altas taxas de juros praticadas e a contenção do crédito. Esses fatores, somados, desestimulam as pessoas a consumirem.

A divulgação da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC/IBGE), referente ao trimestre julho-setembro, mostrou aprofundamento da taxa de desocupação. Nacionalmente, a comparação com o trimestre abril-junho apresentou crescimento dessa razão, de 11,3% para 11,8%. Em 2015, o trimestre julho-setembro registrou desocupação de 8,9%. São considerados desocupados os indivíduos maiores de 14 anos, disponíveis para trabalhar na semana de referência, que tomaram alguma iniciativa de busca de emprego nos 30 dias anteriores à realização da pesquisa. Dessa forma, a taxa de participação na força de trabalho – dada pelo número de indivíduos dela participante, em razão das pessoas em idade de trabalhar – atingiu 61,2%, queda de -0,4% em relação ao trimestre anterior e de -0,2% na comparação com o mesmo período de 2015.

Segundo o Comitê de Datação de Ciclos Econômicos (CODACE), da Fundação Getúlio Vargas, a economia brasileira entrou em recessão no segundo trimestre de 2014, após 20 trimestres de expansão. Essa contração no nível de atividade, retroalimentada com a queda no consumo das famílias, levou a progressivo agravamento da desocupação desde o último trimestre de 2014, quando atingiu 6,5% da população economicamente ativa.

O trimestre julho-setembro encerrou-se com aumento de 1,2% na população em idade ativa, em relação ao mesmo período de 2015. A população economicamente ativa (PEA), no mesmo tempo, cresceu 0,8% – demonstração de que o recrudescimento das condições de oferta de trabalho provocou maior inatividade. A pesquisa não especifica o número de indivíduos que desistiram de buscar ocupação. O agrupamento de inativos reúne aposentados, incapacitados por doença e desalentados. A inédita elevação de 1,9% nesse contingente, no período de um ano, sugere que a taxa de desocupação não foi maior em razão do desalento.

A eliminação de postos de trabalho no setor privado tende a expandir o trabalho por conta própria. Desde o trimestre móvel encerrado em maio de 2013, esse contingente apresentava elevação em comparação com o mesmo período do ano anterior. Contudo, como evidência de crescente desgaste do mercado de trabalho, houve contração desse grupo (-1,7%) em julho-setembro, simultaneamente com a do empregado no setor privado com carteira (-3,7%).

Ressalte-se também o crescimento da desocupação no setor industrial, de 10,1% em relação ao mesmo período de 2015. A variação é consonante com a redução no nível de utilização da capacidade instalada (NUCI) e com a queda no faturamento do segmento. Em setembro, o NUCI chegou a 76,9%, de acordo com dados da Confederação Nacional da Indústria (CNI). No mesmo mês de 2015, registrou 77,8%. Ainda de acordo com a CNI, no mesmo intervalo temporal, o faturamento real das indústrias brasileiras retrocedeu 15,4%. Contudo, há um número incerto de trabalhadores industriais em férias coletivas, enquadrados em planos de *layoff* ou no Programa de Proteção ao Emprego (PPE).

Informações do Ministério do Trabalho, via Controladoria Geral da União, mostram que, dentre as 182 solicitações de adesão ao PPE, 121 provieram da indústria, sendo 26 do ramo automobilístico. O PPE estipula corte de jornada de trabalho e salários não superior a 30%, em que metade da queda na renda dos empregados é compensada com recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT). De acordo com a Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (ANFAVEA), aproximadamente 17,7% dos vínculos desse ramo da indústria estavam submetidos a alguma espécie de afastamento. Diante do encerramento do PPE

\* Economista, coordenador do Núcleo de Macroeconomia e Conjuntura do IPARDES.



no final de 2016 e da efêmera natureza dos acordos de manutenção de emprego, a aceleração da desocupação registrada pela PNADC no setor não sugere bom augúrio.

O rendimento médio real do trabalho principal alcançou, segundo a PNADC, R\$ 1.964 na mais recente aferição. Esse valor é 1,70% inferior ao percebido no mesmo período do ano passado e 1,85% inferior àquele de igual trimestre de 2014. Tais cifras demonstram maior contundência quando se lembra que a inflação acumulada, em setembro, alcançou 8,48% em 12 meses e 18,77% em 24 meses, conforme o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA/ IBGE).

A evolução do rendimento médio, desagregada por posições na ocupação, mostra que a maior retração ocorreu entre os empregadores (-9,3%). Embora a PNADC contemple todos os ramos de atividade, essa queda é condizente com os dados de faturamento industrial. As duas posições com maior contingente de ocupados, a dos empregados no setor privado com carteira e a dos trabalhadores por conta própria, apresentaram reduções menos acentuadas, de -1,3% e de -1,8%, respectivamente. Nas demais posições, houve discreto aumento do rendimento: 1,3% para empregados no setor privado sem carteira e para empregados no setor público; 0,6% para trabalhadores domésticos.

Com base em informações da PNADC, o IBGE apresentou, pela primeira vez, indicadores de subocupação. São considerados subocupados os indivíduos que trabalham menos de 40 horas por semana em atividade que não lhes remunera suficientemente bem, segundo avaliação própria, e estão dispostos a trabalhar mais tempo para elevar sua renda. Esse contingente cresceu em 640 mil indivíduos entre o primeiro e o segundo trimestres do ano corrente e reúne aproximadamente 4,8 milhões de pessoas. No mesmo trimestre de 2015, o grupo de subocupados por insuficiência de horas trabalhadas era significativamente maior, equivalente a 5,3 milhões de pessoas. Essa redução não significa, entretanto, que tenha havido melhora nas condições de remuneração. Indica que postos de trabalho – que passavam por corte de horas extras em meados do ano passado – foram eliminados.

O grupo denominado força de trabalho potencial atingiu 6,2 milhões de pessoas, o que representa crescimento de 40,9% no último ano. Esse contingente inclui aqueles que não puderam assumir um posto (por doença ou gravidez, por exemplo) e aqueles que não procuraram emprego, mas estavam disponíveis e desejavam ocupação na semana de referência.

Não podem ser otimistas as perspectivas de incremento da renda do trabalho em 2017. No primeiro trimestre, período em que a inflação usualmente atinge seu ápice, haverá a também sazonal supressão de empregos temporários. A se considerar que no início do ano há reajustes de impostos e taxas, bem como de conjunto substancial de preços administrados, como o de transportes coletivos, a combinação de inflação e alta desocupação inviabilizará qualquer recuperação da renda. Dois elementos podem atenuar sua deterioração nesse período: eventual estabilidade de preços de alimentos e elevação do salário mínimo.

Nada faz supor, contudo, que o consumo das famílias seja brevemente retomado. Seu endividamento, razão entre o saldo das dívidas familiares e a massa salarial ampliada disponível, ainda passa por realinhamento. Segundo informações do Banco Central (BC), as dívidas das famílias representavam, em agosto, 43,11% de sua renda disponível em 12 meses. Desde janeiro do ano corrente, essa aferição mensal do BC mostra ininterrupto declínio, evidência de processo de desalavancagem em curso. O ponto mais elevado dessa proporção foi alcançado em abril de 2015 (46,39%). As dívidas das famílias, excluídas aquelas com crédito habitacional, iniciaram trajetória de queda há mais tempo (31,42% em outubro de 2011). As obrigações com financiamentos imobiliários reduziram as margens em orçamentos familiares para a contratação de crédito destinado a aquisição de bens de consumo. Presentemente, as dívidas com o sistema financeiro, excetuadas as habitacionais, amontam 24,41% da renda domiciliar dos últimos doze meses.

## COMÉRCIO

### Muffato aloca R\$ 30 milhões em nova unidade

A rede de supermercados Muffato investiu R\$ 30 milhões em nova unidade em Curitiba. O estabelecimento funcionará sob a bandeira Max Atacadista, responsável por aproximadamente 20% do faturamento da companhia. O grupo Muffato planeja construir duas lojas semelhantes em breve, uma delas na capital e outra na Região Metropolitana de Curitiba, em município ainda indeterminado.

VOITCH, Talita Boros. Muffato abre novo 'atacarejo' em Curitiba e planeja mais 2 lojas em 2017. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 19 out. 2016. p.28.

### Walmart investirá R\$ 100 milhões na remodelação de suas lojas paranaenses

A rede supermercadista Walmart investirá cerca de R\$ 1 bilhão na remodelação de 130 hipermercados no Brasil. A companhia de capital estadunidense alocará R\$ 100 milhões nos 13 estabelecimentos do gênero que detém no Paraná. A empresa possui 485 lojas no País, de portes distintos e a operar sob diferentes bandeiras. Uma dessas bandeiras, BIG, será desativada ao longo do processo, que deve se estender até 2019.

A rede fechou 60 unidades ao longo de 2016, sendo 20 delas no Estado. O grupo alocou R\$ 750 milhões, nos últimos três anos, para integrar e uniformizar o sistema de informática de todas as lojas.

MATTOS, Adriana. Walmart põe R\$ 1 bi em 130 lojas. **Valor Econômico**, São Paulo, 28 out. 2016. Empresas, p.B1.

SANT'ANA, Jéssica. Walmart anuncia fim da bandeira BIG. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 28 out. 2016. p.31.

## INDÚSTRIA

### DAF diversificará linha de produtos

A DAF Caminhões planeja produzir dois novos modelos, a partir de 2017, em sua planta localizada em Ponta Grossa (Região Centro-Oriental Paranaense). Inaugurada há três anos, essa fábrica tem capacidade de montar 10 mil unidades anualmente. O desaquecimento do mercado brasileiro provocou revisão das expectativas, e esse volume de produção, segundo a companhia, deverá ser alcançado em até cinco anos. Presentemente, produz quatro modelos por dia.

A despeito da retração na demanda por caminhões no País, o número de caminhões vendido pela empresa cresceu em 2016. Entre janeiro e agosto deste ano, foram entregues 436 desses veículos, contra 258 comercializados no mesmo período do ano passado. Parte dessa expansão se deve à capacidade de financiamento das vendas pela própria empresa, com recursos provenientes da matriz. Fundada na Holanda, a DAF é controlada pela Paccar, de capital estadunidense.

SILVA, Cleide. Na crise, a 'nanica' DAF cresce 70%. **O Estado de S. Paulo**, 15 set. 2016. Economia, p.B12.

### Prati-Donaduzzi exportará para os Estados Unidos

Sediada em Toledo, na Região Oeste do Estado, a indústria farmacêutica Prati-Donaduzzi exportará dez de seus produtos para os Estados Unidos a partir de 2017. Em 2016, entrou em operação nova planta da empresa, fruto de investimento de aproximadamente R\$ 150 milhões. Atualmente, essa unidade funciona em três turnos. Fundada há 23 anos, a companhia oferta 160 medicamentos genéricos. No ano passado, registrou faturamento de R\$ 770 milhões. Estima-se que essa cifra alcance R\$ 1 bilhão em 2016.

\* Elaborado com informações disponíveis entre 01/09/2016 e 31/10/2016.

\*\* Economista, coordenador do Núcleo de Macroeconomia e Conjuntura do IPARDES.

A companhia será a primeira a se instalar no Biopark, complexo de pesquisas biocientíficas a ser instalado em Toledo. Os fundadores da Prati-Donaduzzi doaram R\$ 100 milhões para o desenvolvimento do projeto, que reunirá incubadoras de tecnologia, indústrias, prestadores de serviço e universidades. Os fundos serão destinados à aquisição de terreno e implantação de infraestrutura. Estima-se que R\$ 500 milhões serão alocados, ao longo de cinco anos, pelas demais entidades partícipes da iniciativa.

FONTES, Stella. Paraná ganha parque científico de R\$ 500 milhões. **Valor Econômico**, São Paulo, 23 set. 2016. Empresas, p.B3.

SANT'ANA, Jéssica. Laboratório do PR vai exportar medicamentos para os EUA. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 30 set. 2016. p.30.

---

## Embalplan é vendida para a Klabin

Sediada em Rio Negro, na Região Metropolitana de Curitiba, a indústria de caixas de papelão ondulado Embaplan foi comprada pela Klabin. Esta, sediada em Telêmaco Borba (Região Centro-Oriental Paranaense), é a maior fabricante brasileira do segmento. A aquisição depende de anuência do Conselho Administrativo de Defesa Econômico (Cade). A Klabin também adquiriu o controle, em outubro, da Hevi Embalagens, empresa amazonense do mesmo setor. As duas negociações demandaram capital de R\$ 187 milhões.

A planta da Klabin em Ortigueira, também na Região Centro-Oriental, opera desde março e efetuará parada técnica em março de 2017. Estima-se que, após essa interrupção programada, a unidade atingirá plena utilização da capacidade instalada. O complexo produzirá 1,5 milhão de toneladas de celulose por ano, sendo 1,1 milhão de fibra curta. A linha de produção de cartões já funciona a 100% da capacidade e a de sacos industriais aproxima-se deste patamar.

FONTES, Stella. Klabin compra fábricas no PR e AM por R\$ 187 milhões. **Valor Econômico**, São Paulo, 26 out. 2016. Empresas, p.B4.

FONTES, Stella. Fábrica da Klabin vai operar a plena capacidade em março. **Valor Econômico**, São Paulo, 31 out. 2016. Empresas, p.B4.

---

## SERVIÇOS

### Rede rural da Copel receberá investimentos de R\$ 500 milhões

A Companhia Paranaense de Energia (Copel) alocará, até 2018, R\$ 500 milhões na sua rede rural. Prevê-se a construção de 30 subestações e a implantação de três mil quilômetros de linhas de transmissão. A execução do projeto terá início em janeiro, com a instalação de 1,4 mil religadores automatizados. A empresa atende a 363,6 mil clientes rurais, que demandaram 2,26 mil gigawatts-hora (GWh) no ano passado, cerca de 10% da energia distribuída.

O objetivo da Copel é diminuir a frequência e duração de interrupções. A companhia planeja que, em 2020, a duração equivalente de interrupção por unidade consumidora seja 30% inferior à presente.

FONTES, Stella. Fábrica da Klabin vai operar a plena capacidade em março. **Valor Econômico**, São Paulo, 31 out. 2016. Empresas, p.B4.

---





TABELA 2 - ABATES DE AVES, BOVINOS E SUÍNOS - PARANÁ - 1997-2016

ANO	PESO TOTAL DAS CARÇAÇAS (t)		
	Aves	Bovinos	Suínos
1997	720 154	225 021	189 459
1998	854 517	236 358	193 435
1999	957 237	198 873	229 466
2000	1 041 412	181 113	235 315
2001	1 121 828	197 985	263 451
2002	1 235 681	219 350	333 951
2003	1 344 398	219 774	359 139
2004	1 557 656	276 808	340 645
2005	1 788 481	308 947	367 765
2006	1 856 538	316 897	390 394
2007	2 057 318	295 010	437 152
2008	2 480 908	279 609	454 340
2009	2 489 061	282 220	509 156
2010	2 725 634	338 599	531 514
2011	2 868 973	279 585	629 586
2012	3 033 270	314 986	623 822
2013	3 379 689	333 180	606 446
2014	3 651 564	336 966	611 183
2015 <sup>(1)</sup>	3 994 430	300 325	676 257
Janeiro	318 585	22 882	51 620
Fevereiro	279 430	19 611	44 754
Março	349 135	22 862	58 679
Abril	329 529	24 684	58 578
Maio	339 909	24 316	58 895
Junho	337 715	26 276	59 058
Julho	356 162	24 598	63 178
Agosto	337 640	24 082	57 847
Setembro	333 332	26 472	56 881
Outubro	345 604	28 759	56 841
Novembro	338 346	24 474	54 304
Dezembro	329 043	31 309	55 621
2016 <sup>(1)</sup>	2 082 492	141 235	352 962
Janeiro	333 554	23 448	54 079
Fevereiro	322 393	22 453	56 701
Março	360 057	25 382	61 804
Abril	348 437	22 938	60 714
Maio	355 399	22 216	58 950
Junho	362 057	24 798	60 712

FONTE: IBGE - Pesquisa Trimestral de Abate de Animais

(1) Resultados preliminares.

TABELA 3 - EXPORTAÇÕES PARANAENSES, SEGUNDO FATOR AGREGADO - 1980-2016

ANO	BÁSICOS		INDUSTRIALIZADOS				OPERAÇÕES ESPECIAIS		TOTAL (US\$ mil FOB)
			Semimanufaturados		Manufaturados		US\$ mil FOB	Part. (%)	
	US\$ mil FOB	Part. (%)	US\$ mil FOB	Part. (%)	US\$ mil FOB	Part. (%)			
1980	1 525 496	76,47	204 013	10,23	235 955	11,83	29 385	1,47	1 994 849
1981	1 578 294	65,71	250 316	10,42	541 587	22,55	31 827	1,33	2 402 024
1982	1 140 108	68,07	106 669	6,37	409 124	24,43	19 022	1,14	1 674 923
1983	1 012 405	69,20	79 971	5,47	349 526	23,89	21 043	1,44	1 462 945
1984	966 205	52,45	177 247	9,62	671 435	36,45	27 086	1,47	1 841 973
1985	928 902	50,89	175 665	9,62	698 346	38,26	22 551	1,24	1 825 464
1986	688 996	56,59	43 324	3,56	472 821	38,84	12 339	1,01	1 217 480
1987	969 288	59,14	120 707	7,37	533 758	32,57	15 169	0,93	1 638 922
1988	1 167 554	58,21	149 328	7,45	678 177	33,81	10 573	0,53	2 005 632
1989	1 192 665	60,13	178 327	8,99	601 886	30,35	10 462	0,53	1 983 340
1990	1 035 355	55,42	203 537	10,90	618 389	33,10	10 887	0,58	1 868 168
1991	939 248	51,75	179 988	9,96	678 770	37,56	13 223	0,73	1 807 229
1992	1 067 932	50,61	206 642	9,79	822 506	38,98	12 959	0,61	2 110 039
1993	1 191 871	48,04	192 267	7,75	1 081 457	43,59	15 548	0,63	2 481 143
1994	1 459 424	41,62	487 597	13,90	1 538 079	43,86	21 649	0,62	3 506 749
1995	1 439 114	40,34	646 613	18,13	1 463 107	41,01	18 511	0,52	3 567 346
1996	2 081 290	49,02	576 682	13,58	1 562 959	36,81	24 974	0,59	4 245 905
1997	2 524 220	52,01	560 259	11,54	1 740 382	35,86	28 727	0,59	4 853 587
1998	1 918 816	45,38	665 062	15,73	1 614 172	38,18	29 944	0,71	4 227 995
1999	1 735 682	44,14	626 797	15,94	1 528 226	38,86	41 954	1,07	3 932 659
2000	1 661 374	37,81	498 631	11,35	2 158 622	49,12	75 534	1,72	4 394 162
2001	2 280 991	42,87	561 285	10,55	2 416 688	45,42	61 247	1,15	5 320 211
2002	2 384 075	41,80	668 797	11,73	2 576 841	45,18	73 368	1,29	5 703 081
2003	2 985 014	41,70	877 848	12,26	3 217 442	44,95	77 549	1,08	7 157 853
2004	3 908 974	41,56	969 099	10,30	4 437 090	47,18	89 862	0,96	9 405 026
2005	3 297 780	32,87	993 498	9,90	5 608 205	55,89	134 049	1,34	10 033 533
2006	2 931 247	29,26	1 146 938	11,45	5 755 975	57,47	182 177	1,82	10 016 338
2007	4 233 777	34,27	1 318 847	10,68	6 630 908	53,68	169 325	1,37	12 352 857
2008	5 787 485	37,96	1 611 541	10,57	7 540 538	49,46	307 620	2,02	15 247 184
2009	4 985 127	44,42	1 304 406	11,62	4 719 959	42,06	213 335	1,90	11 222 827
2010	5 983 154	42,21	1 800 201	12,70	6 121 495	43,18	270 994	1,91	14 175 844
2011	7 952 480	45,72	2 410 778	13,86	6 645 958	38,21	385 059	2,21	17 394 275
2012	8 356 708	47,19	2 274 620	12,84	6 748 089	38,10	330 174	1,86	17 709 591
2013	9 068 374	49,72	2 099 371	11,51	6 817 117	37,38	254 339	1,39	18 239 202
2014	8 304 081	50,85	1 955 979	11,98	5 819 271	35,63	252 789	1,55	16 332 120
2015 <sup>(1)</sup>	7 649 587	51,31	1 655 686	11,11	5 428 565	36,41	175 242	1,18	14 909 081
Janeiro	346 967	38,39	175 372	19,40	370 220	40,96	11 343	1,25	903 902
Fevereiro	362 693	42,54	82 833	9,72	396 223	46,47	10 866	1,27	852 614
Março	679 033	54,44	81 296	6,52	471 656	37,82	15 273	1,22	1 247 258
Abril	836 330	60,46	91 827	6,64	437 100	31,60	17 972	1,30	1 383 229
Maio	677 287	54,06	132 889	10,61	427 685	34,13	15 087	1,20	1 252 947
Junho	945 529	55,49	178 702	10,49	556 352	32,65	23 404	1,37	1 703 988
Julho	895 131	58,22	151 773	9,87	467 683	30,42	22 850	1,49	1 537 437
Agosto	783 815	55,37	170 353	12,03	448 751	31,70	12 795	0,90	1 415 715
Setembro	639 782	49,45	169 927	13,13	468 463	36,21	15 681	1,21	1 293 853
Outubro	539 378	45,84	137 840	11,71	488 869	41,55	10 585	0,90	1 176 672
Novembro	444 235	44,09	122 511	12,16	430 755	42,75	10 085	1,00	1 007 586
Dezembro	499 408	44,04	160 363	14,14	464 807	40,99	9 301	0,82	1 133 880
2016 <sup>(1)</sup>	6 473 287	50,20	1 586 891	12,31	4 760 704	36,92	73 794	0,57	12 894 677
Janeiro	443 582	50,92	95 671	10,98	324 215	37,22	7 724	0,89	871 191
Fevereiro	506 985	50,55	54 316	5,42	435 809	43,45	5 805	0,58	1 002 915
Março	903 242	60,61	104 723	7,03	473 748	31,79	8 454	0,57	1 490 167
Abril	935 222	62,38	85 062	5,67	468 777	31,27	10 153	0,67	1 499 214
Maio	810 823	53,56	171 633	11,34	522 521	34,52	8 807	0,58	1 513 784
Junho	738 827	49,60	219 489	14,74	521 347	35,00	9 793	0,66	1 489 456
Julho	745 730	53,96	174 600	12,63	454 100	32,86	7 511	0,54	1 381 941
Agosto	510 103	37,85	278 356	20,65	556 159	41,27	3 150	0,23	1 347 768
Setembro	480 873	38,47	236 993	18,96	525 071	42,01	7 077	0,57	1 250 015
Outubro	397 900	37,96	166 048	15,84	478 958	45,69	5 320	0,51	1 048 226

FONTE: MDIC/SECEX

(1) Dados preliminares.

TABELA 4 - BALANÇA COMERCIAL PARANAENSE E BRASILEIRA - 1994-2016

ANO	PARANÁ (US\$ MIL FOB)			BRASIL (US\$ MIL FOB)		
	Exportação	Importação	Saldo	Exportação	Importação	Saldo
1994	3 506 749	1 589 440	1 917 309	43 545 149	33 078 690	10 466 459
1995	3 567 346	2 390 291	1 177 055	46 506 282	49 971 896	- 3 465 614
1996	4 245 905	2 434 733	1 811 172	47 746 728	53 345 767	- 5 599 039
1997	4 853 587	3 306 968	1 546 619	52 982 726	59 747 227	- 6 764 501
1998	4 227 995	4 057 589	170 406	51 139 862	57 763 476	- 6 623 614
1999	3 932 659	3 699 490	233 169	48 012 790	49 301 558	- 1 288 768
2000	4 394 162	4 686 229	- 292 067	55 118 920	55 850 663	- 731 743
2001	5 320 211	4 928 952	391 259	58 286 593	55 601 758	2 684 835
2002	5 703 081	3 333 392	2 369 689	60 438 653	47 242 654	13 195 999
2003	7 157 853	3 486 051	3 671 802	73 203 222	48 325 567	24 877 655
2004	9 405 026	4 026 146	5 378 879	96 677 499	62 835 616	33 841 883
2005	10 033 533	4 527 237	5 506 296	118 529 185	73 600 376	44 928 809
2006	10 016 338	5 977 971	4 038 367	137 807 470	91 350 840	46 456 629
2007	12 352 857	9 017 988	3 334 870	160 649 073	120 617 446	40 031 627
2008	15 247 184	14 570 222	676 962	197 942 443	172 984 768	24 957 675
2009	11 222 827	9 620 843	1 601 984	152 994 743	127 722 343	25 272 400
2010	14 176 010	13 956 957	219 054	201 915 285	181 768 427	20 146 858
2011	17 394 228	18 767 763	- 1 373 534	256 039 575	226 246 756	29 792 819
2012	17 709 591	19 387 794	- 1 678 203	242 578 014	223 183 477	19 394 537
2013	18 239 202	19 345 381	- 1 106 178	242 033 575	239 747 516	2 286 059
2014	16 332 120	17 295 813	- 963 693	225 100 885	229 154 463	- 4 053 578
2015 <sup>(1)</sup>	14 909 081	12 448 504	2 460 577	191 134 325	171 449 051	19 685 274
Janeiro	903 902	1 056 033	- 152 131	13 704 045	16 873 839	- 3 169 795
Fevereiro	852 614	1 033 043	- 180 428	12 092 231	14 932 173	- 2 839 942
Março	1 247 258	1 126 997	120 260	16 978 969	16 518 673	460 295
Abril	1 383 229	1 043 216	340 013	15 156 275	14 666 063	490 211
Maio	1 252 947	1 077 261	175 686	16 769 183	14 010 831	2 758 351
Junho	1 703 988	1 236 981	467 007	19 628 438	15 099 376	4 529 062
Julho	1 537 437	1 172 766	364 672	18 533 066	16 146 430	2 386 635
Agosto	1 415 715	1 020 095	395 619	15 485 353	12 794 393	2 690 960
Setembro	1 293 853	1 090 034	203 819	16 148 183	13 202 278	2 945 905
Outubro	1 176 672	979 633	197 039	16 048 987	14 053 112	1 995 874
Novembro	1 007 586	876 578	131 008	13 806 365	12 608 646	1 197 719
Dezembro	1 133 880	735 868	398 011	16 783 231	10 543 234	6 239 998
2016 <sup>(1)</sup>	12 894 677	9 194 022	3 700 655	153 086 674	114 562 108	38 524 566
Janeiro	871 191	737 761	133 430	11 237 670	10 322 220	917 243
Fevereiro	1 002 915	767 398	235 517	13 343 462	10 299 837	3 043 625
Março	1 490 167	930 394	559 773	15 991 810	11 560 301	4 431 509
Abril	1 499 214	852 547	646 666	15 371 763	10 509 526	4 858 815
Maio	1 513 784	827 663	686 121	17 568 727	11 136 120	6 432 246
Junho	1 489 456	972 465	516 990	16 738 179	12 769 525	3 968 489
Julho	1 381 941	1 023 251	358 690	16 328 254	11 752 260	4 576 058
Agosto	1 347 768	1 059 438	288 330	16 986 657	12 848 629	4 138 101
Setembro	1 250 015	1 041 816	208 198	15 798 958	11 987 122	3 814 816
Outubro	1 048 226	981 288	66 938	13 721 196	11 375 130	2 346 066

FONTE: MDIC/SECEX

(1) Dados preliminares.



TABELA 5 - ÍNDICES DE PREÇO, DE QUANTUM E DE TERMOS DE TROCA - PARANÁ - 1998-2015

PERÍODO	EXPORTAÇÕES		IMPORTAÇÕES		TERMOS DE TROCA
	Índice de Preço	Índice de Quantum	Índice de Preço	Índice de Quantum	
1998	79,8	109,3	88,7	104,7	90,0
1999	79,6	117,1	91,6	75,4	86,9
2000	94,4	118,6	94,1	101,9	100,3
2001	92,8	130,7	89,7	88,8	103,4
2002	90,8	118,2	95,2	53,8	95,4
2003	99,7	126,1	105,4	75,2	94,6
2004	106,5	123,6	101,0	86,6	105,4
2005	95,3	112,1	105,3	80,9	90,5
2006	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
2007	106,5	116,0	100,4	113,8	106,1
2008	119,9	103,1	125,3	97,6	95,7
2009	84,2	87,6	79,2	63,2	106,4
2010	102,7	123,2	97,4	112,8	105,4
2011	111,2	110,5	108,5	93,9	102,5
2012	93,5	109,1	93,5	83,7	100,0
2013	93,9	109,8	92,6	81,6	101,5
2014	89,6	100,1	91,3	74,2	98,2
2015	78,8	116,1	84,6	64,4	93,1

FONTE: IPARDES

NOTAS: Base fixa: 2006=100.

Elaborado com dados brutos da SECEX-MDIC.

Utilizou-se índices de Fisher.

TABELA 6 - ÍNDICE DE VOLUME DE VENDAS DO COMÉRCIO VAREJISTA DO PARANÁ - 2000-2016

ATIVIDADE	ÍNDICE (base fixa: 2011 = 100)																		
	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	Jan./15	Fev./15	Mar./15
Combustíveis e lubrificantes	91,7	94,1	110,2	117,5	122,0	119,4	99,8	102,4	104,7	103,5	104,1	100,00	108,0	120,8	127,2	123,1	130,7	109,1	128,9
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	78,9	77,1	72,7	70,2	78,3	72,8	77,2	82,3	85,5	89,2	94,3	100,00	110,2	116,6	120,3	118,7	132,8	116,0	119,2
Hipermercados e supermercados	79,1	77,7	73,5	71,1	79,3	73,1	77,5	82,6	85,6	89,4	94,4	100,00	110,6	116,9	120,7	119,3	134,2	116,7	119,6
Tecidos, vestuário e calçados	89,7	90,7	79,8	83,3	89,4	90,2	88,9	93,5	97,7	97,1	101,8	100,00	106,2	106,4	106,4	95,9	92,6	74,5	88,7
Móveis e eletrodomésticos	37,3	35,6	35,0	37,4	48,4	54,8	59,5	66,9	73,5	73,8	85,6	100,00	107,3	111,9	108,4	95,8	122,2	87,4	98,5
Móveis	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	100,00	107,3	103,3	97,1	79,9	103,6	78,6	83,2
Eletrodomésticos	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	100,00	109,2	120,4	118,2	109,0	137,8	95,1	111,3
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	...	...	...	...	41,5	45,7	48,5	51,3	58,3	72,0	85,9	100,00	120,6	133,9	140,5	147,6	141,0	136,2	151,4
Livros, jornais, revistas e papelaria	...	...	...	...	70,7	70,7	68,0	70,9	80,6	88,5	102,2	100,00	96,6	104,9	83,8	73,1	122,2	90,7	79,2
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	...	...	...	...	6,4	11,3	17,1	22,0	43,8	69,7	95,4	100,00	92,4	85,3	70,9	69,7	70,0	69,3	80,1
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	...	...	...	...	41,9	47,8	55,5	60,6	71,3	79,1	91,7	100,00	120,6	131,5	141,0	137,6	145,6	117,7	134,8
COMÉRCIO VAREJISTA - TOTAL	63,0	62,4	62,0	62,6	69,6	68,9	71,0	76,0	81,3	85,6	93,5	100,00	110,0	116,9	119,7	115,9	127,6	107,9	116,9

ATIVIDADE	ÍNDICE (base fixa: 2011 = 100)																		
	Abr./15	Mai/15	Jun./15	Jul./15	Ago./15	Set./15	Out./15	Nov./15	Dez./15	2016	Jan./16	Fev./16	Mar./16	Abr./16	Mai/16	Jun./16	Jul./16	Ago./16	Set./16
Combustíveis e lubrificantes	124,6	129,2	124,4	130,0	130,2	122,6	123,0	111,2	113,8	112,3	111,5	109,1	108,5	110,3	113,0	114,0	118,2	116,4	110,0
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	116,5	113,2	110,3	112,1	113,4	111,9	121,0	111,5	146,3	113,4	121,1	113,5	118,6	113,6	108,4	108,3	113,8	110,3	113,0
Hipermercados e supermercados	117,1	113,4	110,7	112,4	113,6	112,2	121,4	112,3	148,2	114,5	122,8	114,7	119,9	114,7	109,1	109,0	114,7	111,1	114,1
Tecidos, vestuário e calçados	92,3	113,7	94,2	93,5	90,9	81,7	88,0	86,7	154,2	83,6	73,7	65,4	76,6	87,3	106,9	95,5	84,2	88,3	74,6
Móveis e eletrodomésticos	86,0	94,8	82,8	89,6	85,2	85,4	93,1	101,3	122,8	80,2	91,4	81,0	82,0	78,1	85,5	77,7	77,2	77,3	72,0
Móveis	73,2	77,8	68,6	73,7	70,0	70,2	76,6	84,0	99,5	71,1	84,5	70,9	72,7	70,8	76,3	67,7	67,6	66,6	63,2
Eletrodomésticos	96,9	109,0	94,6	102,8	97,8	98,0	106,9	115,7	142,0	88,1	97,6	89,7	90,0	84,6	93,6	86,2	85,3	86,4	79,6
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	138,8	141,7	140,6	146,6	146,8	150,7	153,6	152,6	171,6	143,3	141,1	125,4	158,0	142,7	146,2	142,5	147,1	145,6	140,9
Livros, jornais, revistas e papelaria	74,6	74,8	60,7	66,1	61,7	60,7	43,5	39,3	103,5	61,0	83,4	79,1	64,2	55,9	52,3	50,7	53,6	58,2	51,6
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	72,0	74,6	70,3	70,0	68,1	62,8	65,2	66,3	67,5	56,5	57,1	55,4	59,2	53,4	53,1	57,2	57,5	58,7	56,5
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	130,7	148,1	127,7	126,6	125,3	113,7	137,0	136,2	208,2	109,6	111,1	96,3	113,0	109,0	118,8	115,1	110,9	109,5	102,4
COMÉRCIO VAREJISTA - TOTAL	112,7	116,0	109,0	111,7	111,6	108,3	115,9	110,1	143,3	106,4	110,8	102,7	109,1	106,1	107,4	105,1	107,3	105,6	103,4

FONTE: IBGE - Pesquisa Mensal do Comércio

NOTA: Sinal convencional utilizado:

... Dado não disponível.

TABELA 7 - PRODUÇÃO FÍSICA DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO DO PARANÁ, SEGUNDO SEÇÕES E ATIVIDADES INDUSTRIAIS - 2003-2016

SEÇÃO/ATIVIDADE (CNAE 2.0) <sup>(1)</sup>	ÍNDICE (base: média de 2012 = 100)																	
	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	Jan/15	Fev/15	Mar/15	Abr/15	Mai/15
Indústria de transformação	66,8	74,0	77,0	74,0	80,3	88,3	81,0	95,2	105,9	100,0	103,2	97,3	88,3	81,5	81,0	91,3	91,2	92,9
Produtos alimentícios	87,5	91,7	88,6	93,7	97,0	94,3	90,1	97,6	98,0	100,0	102,4	96,2	94,3	73,7	72,9	89,9	98,0	103,3
Bebidas	64,4	67,5	72,3	82,7	82,0	83,3	86,1	95,8	96,6	100,0	99,7	104,5	103,4	123,6	105,1	116,4	94,6	88,3
Produtos de madeira	112,0	130,7	114,7	100,1	94,7	93,2	72,1	79,3	86,3	100,0	117,3	120,9	119,7	118,5	110,1	125,2	121,9	127,9
Celulose, papel e produtos de papel	71,9	75,1	80,9	82,4	81,9	95,6	94,8	100,0	101,1	100,0	98,8	100,5	110,0	105,2	92,6	109,7	103,5	105,1
Coque, derivados do petróleo e biocombustíveis	94,1	82,9	90,9	91,9	88,6	95,0	94,6	86,6	97,1	100,0	97,0	100,7	95,5	74,9	82,5	96,3	96,2	103,8
Outros produtos químicos	171,3	153,4	124,1	120,8	134,1	104,9	126,4	108,7	111,3	100,0	102,0	101,5	97,7	109,0	88,5	85,7	92,2	106,8
Produtos de borracha e de material plástico	...	...	...	...	...	...	...	...	...	100,0	109,6	106,5	97,6	98,8	93,0	104,4	95,8	105,2
Minerais não metálicos	74,8	70,4	72,8	69,3	73,2	92,7	94,9	99,9	103,1	100,0	110,5	110,5	89,8	90,4	84,1	102,0	91,7	98,7
Produtos de metal - exceto máquinas e equip.	73,4	77,6	75,6	76,3	80,3	85,1	73,7	89,7	98,8	100,0	105,8	96,2	87,3	85,0	84,3	94,5	90,2	92,5
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	60,3	63,8	69,0	70,1	77,6	79,5	80,5	85,4	89,9	100,0	104,1	106,3	92,8	106,1	110,4	116,3	94,6	97,6
Máquinas e equipamentos	70,5	88,2	74,6	73,2	94,2	103,6	84,6	114,0	107,0	100,0	112,1	106,3	92,8	106,1	110,4	116,3	94,6	97,6
Veículos automotores, reboques e carrocerias	34,2	51,5	62,4	49,6	64,7	80,1	58,3	91,8	119,3	100,0	103,8	82,4	55,5	54,1	60,0	58,4	63,2	53,8
Móveis	83,2	85,2	80,9	82,5	93,2	85,6	77,8	99,6	94,2	100,0	101,4	94,0	76,2	89,0	76,3	91,5	84,4	78,4

SEÇÃO/ATIVIDADE (CNAE 2.0) <sup>(1)</sup>	ÍNDICE (base: média de 2012 = 100)																
	Jun./15	Jul./15	Ago./15	Set./15	Out./15	Nov./15	Dez./15	2016	Jan./16	Fev./16	Mar./16	Abr./16	Mai/16	Jun./16	Jul./16	Ago./16	Set./16
Indústria de transformação	93,8	92,8	93,3	93,7	91,8	83,2	73,5	84,4	71,7	74,7	85,9	84,9	83,6	88,9	93,3	90,9	86,1
Produtos alimentícios	109,0	99,8	113,6	102,2	100,6	88,1	80,9	98,6	71,0	76,9	100,8	104,4	100,6	106,6	113,3	107,7	106,2
Bebidas	86,8	89,8	93,1	107,7	116,1	121,7	97,8	115,7	126,5	121,6	128,9	114,8	90,9	95,4	94,3	133,3	135,5
Produtos de madeira	127,5	120,1	133,0	122,2	118,6	112,0	99,5	125,6	115,2	109,7	128,3	125,0	129,0	127,7	125,6	135,7	134,2
Celulose, papel e produtos de papel	110,9	110,5	119,0	106,8	116,3	118,9	121,8	110,7	102,1	104,8	110,8	108,1	103,5	111,5	123,9	116,3	115,0
Coque, derivados do petróleo e biocombustíveis	103,7	96,7	93,3	110,8	102,5	90,3	95,2	81,4	85,0	76,6	80,7	88,4	87,4	89,6	89,2	69,6	66,1
Outros produtos químicos	105,2	116,1	103,4	118,4	105,6	72,9	69,0	88,1	86,4	87,7	73,6	62,2	79,3	95,5	97,2	103,2	107,4
Produtos de borracha e de material plástico	102,8	97,1	98,5	98,9	103,6	96,8	76,5	96,2	85,8	90,1	99,2	94,6	95,0	101,0	98,7	108,8	93,0
Minerais não metálicos	90,1	84,8	96,9	90,3	93,1	83,9	71,3	74,0	73,9	76,7	78,5	78,2	70,7	72,8	78,8	77,6	59,1
Produtos de metal - exceto máquinas e equip.	85,2	87,6	87,6	86,8	94,0	94,5	64,8	77,8	66,3	73,4	80,8	71,4	82,6	84,1	79,0	83,7	78,8
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	80,3	86,1	93,4	87,5	95,6	85,1	61,1	93,5	78,2	78,7	99,0	100,2	101,4	101,4	88,4	108,1	86,3
Máquinas e equipamentos	77,5	92,7	90,7	96,3	89,0	80,3	50,0	86,0	51,1	54,6	85,8	67,8	77,5	93,9	103,4	121,3	118,4
Veículos automotores, reboques e carrocerias	64,2	70,6	54,6	53,2	51,3	48,2	34,1	51,5	34,9	48,9	54,4	53,2	47,0	52,6	64,2	58,6	49,5
Móveis	69,6	69,9	69,7	70,3	72,4	76,4	66,5	66,9	69,9	72,5	73,9	67,1	67,0	61,0	59,1	67,2	64,7

FONTE: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal

NOTAS: Índice sem ajuste sazonal.

Sinal convencional utilizado:

... Dado não disponível.

(1) Somente as atividades que apresentam produtos incluídos na amostra.

TABELA 8 - RENDIMENTO HABITUAL REAL E TAXA DE DESOCUPAÇÃO - PARANÁ - 2012-2016

TRIMESTRE	RENDIMENTO HABITUAL REAL <sup>(1)</sup>	TAXA DE DESOCUPAÇÃO (%)
Janeiro-março 2012	2 115	5,6
Abril-junho 2012	2 063	5,3
Julho-setembro 2012	2 131	4,6
Outubro-dezembro 2012	2 086	4,3
Janeiro-março 2013	2 147	4,9
Abril-junho 2013	2 141	4,5
Julho-setembro 2013	2 189	4,2
Outubro-dezembro 2013	2 183	3,7
Janeiro-março 2014	2 219	4,1
Abril-junho 2014	2 190	4,1
Julho-setembro 2014	2 204	4,1
Outubro-dezembro 2014	2 266	3,7
Janeiro-março 2015	2 260	5,3
Abril-junho 2015	2 207	6,2
Julho-setembro 2015	2 199	6,1
Outubro-dezembro 2015	2 124	5,8
Janeiro-março 2016	2 089	8,1
Abril-junho 2016	2 076	8,2

FONTE: IBGE - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Trimestral

(1) Rendimento médio real do trabalho principal, habitualmente recebido por mês, pelas pessoas. Em R\$ de maio de 2016.

TABELA 9 - SALDO DO EMPREGO FORMAL - PARANÁ<sup>(1)</sup> - 1995-2016

ANO	SETORES (número de vagas)						TOTAL
	Indústria	Construção Civil	Comércio	Serviços	Agropecuária	Outros/ Ignorado	
1995	-15 192	-2 923	-6 410	602	-1 448	44	-25 327
1996	-7 081	-2 096	-6 691	-16 109	-793	-35	-32 805
1997	4 464	278	6 529	-2 100	-1 000	-708	7 463
1998	-16 127	-3 658	-7 332	-4 695	-3 634	-211	-35 657
1999	3 137	-10 241	582	-1 295	-8 646	-186	-16 649
2000	8 475	-18	7 548	13 733	-1 866	271	28 143
2001	22 087	-6 701	14 536	22 888	1 026	21	53 857
2002	24 035	-1 376	21 872	14 299	-241	-	58 589
2003	18 066	-3 903	24 774	17 345	6 075	13	62 370
2004	49 092	1 417	35 049	30 151	6 938	1	122 648
2005	14 385	2 091	25 183	31 223	962	4	72 374
2006	23 697	5 955	21 205	34 294	1 245	-	86 396
2007	46 524	8 011	30 502	31 571	5 753	-	122 361
2008	22 765	13 713	33 067	35 278	6 080	-	110 903
2009	12 993	8 271	22 755	29 446	-4 381	-	69 084
2010	41 116	17 597	36 111	49 868	-2 209	-	142 483
2011	26 065	10 656	33 269	53 433	493	-	123 916
2012	14 861	5 940	28 922	37 520	1 896	-	89 139
2013	15 600	3 111	28 135	41 308	2 195	-	90 349
2014	-8 188	3 219	13 507	32 636	-162	-	41 012
2015	-47 096	-16 133	-12 526	-2 860	3 067	-	-75 548
Jan.-Set. 2016	-9 945	-5 244	-9 175	2 234	905	-	-21 225

FONTE: MTE - Cadastro Geral de Empregados e Desempregados

NOTA: Sinal convencional utilizado:

- Dado inexistente.

(1) Levantamento financiado pelo Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT).

TABELA 10 - PRODUTO INTERNO BRUTO DO PARANÁ E DO BRASIL - 2010-2013

ANO	PARANÁ <sup>(1)</sup>		BRASIL <sup>(1)</sup>	
	Valor (R\$ milhão) <sup>(2)</sup>	Varição Real (%)	Valor (R\$ milhão) <sup>(2)</sup>	Varição Real (%)
2010	225 211	...	3 885 847	...
2011	256 974	4,5	4 373 658	3,9
2012	285 206	-0,1	4 805 913	1,9
2013	332 837	5,6	5 316 455	3,0

FONTE: IPARDES, IBGE

NOTA: Sinal convencional utilizado:

... Dado não disponível.

(1) Nova série das Contas Regionais e do Sistema de Contas Nacionais (referência 2010).

(2) Preços correntes.



---

IPARDES - INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL  
Rua Máximo João Kopp, 274 - Bloco 1 - CEP 82630-900 - Santa Cândida - Curitiba-PR - Tel.: (41) 3351-6335 - Fax: (41) 3351-6347  
[www.ipardes.gov.br](http://www.ipardes.gov.br) - [ipardes@ipardes.gov.br](mailto:ipardes@ipardes.gov.br)